

CARRAZEDA DE ANSIÃES

(Selores)

O castelo de Ansiães localiza-se na freguesia da Lavandeira, concelho de Carrazeda de Ansiães. Coroa um monte à cota de 788 m, distando, em linha recta, 4,5 km da sede de concelho. O castelo albergou a mediéfica vila de Ansiães, documentada pelo menos desde o século XI e com ocupação até ao século XVIII. No seu âmbito localizam-se duas igrejas com vestígios medievais: a igreja de São João Baptista (ou São João de Extramuros) e a românica igreja de São Salvador (Intramuros). O castelo de Ansiães está classificado como Monumento Nacional desde 1910 (DG, N° 136, de 23 de junho de 1910). Para chegar ao castelo, partindo de Carrazeda de Ansiães, tome a EN 214 em direção a Selores e siga as indicações para o castelo. Estacione junto do Centro Interpretativo e siga, a pé, para a fortificação.

Castelo de Ansiães. Vista aérea a partir de sul (2010, Direção Regional de Cultura do Norte©, fotografia de Francisco Piqueiro Foto Engenho - Projectos e Serviços de Fotografia, Lda.)



Castelo de Ansiães

O SÍTIO ONDE SE ERGUEU o castelo medieval acusa ocupação muito antiga. Achados de superfície, confirmados pelas escavações arqueológicas aqui

realizadas, documentam uma ocupação humana desde o Calcolítico (3º milénio a.C.), que se prolonga pelas Idades do Bronze e do Ferro, com fortes indícios de romanização.

Não se sabe se a ocupação foi contínua, como parece sugerir a longa diacronia do lugar. Para a Antiguidade Tardia não se conhecem testemunhos arqueológicos. Por isso, parece haver um hiato entre os finais da romanização e o aparecimento do castelo medieval. Este território foi enquadrado no âmbito da monarquia asturiana a partir dos finais do século IX ou inícios do século X. Em [1055-1065] Fernando Magno outorgou-lhe a primeira carta de foral, juntamente com outras póvoas do vale do Douro (Linhares, Penela do Douro, Paredes da Beira e S. João da Pesqueira). A atribuição destes forais deve ter ocorrido na sequência da "Campanha das Beiras" que, em 1057-58,

levou à reconquista definitiva dos castelos a sul do Douro (Lamego, S. Martinho de Mouros, os dez castelos de D. Flamula, Viseu, Penalva...). O diploma seria confirmado por D. Afonso Henriques em [1137-1139]. O território de Ansiães, tal como era delimitado nesta confirmação, confrontava, a ocidente, com o território de Linhares, que, mais tarde, antes de 1258, viria a ser incorporado no termo de Ansiães. O foral de Ansiães seria, posteriormente, confirmado por D. Afonso II, em abril de 1219. Em 6 de abril de 1277 D. Afonso III concedeu-lhe carta de feira, instituindo uma feira mensal, com duração de um dia, a meio de cada mês. A 13 de março de 1372 D. Fernando



Vista aérea do Castelo de Ansiães: 1- Porta do Salvador. 2- Porta da Traição. 3- Porta de São Francisco. 4- Porta de São João Baptista. 5- Porta da Vila. 6- Porta da Fonte Vedra. A- Igreja de São Salvador. B- Igreja de São João Baptista de Extramuros (Fotografia ©2022 Google, Imagens ©2022 CNES / Airbus, IGP/DGRF, Maxar Technologies, Dados do mapa ©2022).



Vista geral do conjunto tomada no lado este do recinto exterior

Vista geral do recinto superior tomada da Torre de Menagem, vendo-se a face interna da Porta do Salvador



doou a terra de Ansiães a D. João Rodrigues de Portocarreiro. No entanto, o posicionamento pró-castelhano deste nobre em 1383, levou a que os habitantes de Ansiães se revoltassem, colocando-se do lado do Mestre de Avis e conquistando, assim, os seus favores. Ao longo dos primeiros anos do reinado de D. João I são vários os testemunhos do elevado apreço que o monarca tinha pelos habitantes de Ansiães. Em 1384 os bens de João Rodrigues de Portocarreiro foram confiscados e entregues ao concelho e aos

homens-bons de Ansiães. No decurso do mesmo ano, diversas povoações foram-lhes entregues: Vilarinho da Castanheira, Alijó, Favaios, Vila Flor, Freixiel, Murça e Barreiro... Em 31 de agosto de 1398 D. João I quebrou este ciclo e entregou as vilas de Ansiães e de Vilarinho da Castanheira a Lopo Vasques de Sampaio, inaugurando, assim, a presença desta família nobre transmontana à frente dos destinos de Ansiães. Em 1422 passaria para Vasco Pires de Sampaio e em 1443 para seu filho, Rui Lopes de Sampaio.



Acesso ao recinto superior: Porta do Salvador



Estruturas do recinto superior junto à muralha noroeste. Ao fundo, a Torre de Menagem



Cisterna do recinto superior

No ano seguinte estava confiada a Fernão Vasques de Sampaio e em 1463 a Diogo de Sampaio.

A vila de Ansiães recebeu Foral Novo das mãos de D. Manuel I em 1 de junho de 1510. No Numeramento de 1527-31, apesar de se declarar que a vila de Ansiães era cercada e tinha um "bom castelo", são já patentes os problemas de povoamento. Confiada a Rui Lopes de Sampaio, nela viviam 35 moradores, havendo diversas aldeias do seu termo com mais habitantes que a sede de concelho. Em 1721, numa *Memória* da autoria de João Pinto de Moraes (reitor da Igreja de São João de Extramuros) e de António de Sousa Pinto Magalhães enviada à Real Academia da História Portuguesa, regista-se que em Ansiães já só viviam 13 moradores, embora a Câmara continuasse a funcionar aqui e os juizes reunissem em audiência todas as terças e sextas-feiras. Mas poucos anos volvidos, em 1734, por decisão de José Alvares de Almeida, Juiz de Fora, os Paços do Concelho e da Audiência transferiram-se de Ansiães para Carrazeda, que passou a ser sede de concelho e a designar-se Carrazeda de Ansiães. A povoação medieval viria a ser definitivamente abandonada já no século XIX.

O castelo de Ansiães apresenta dois recintos muralhados de épocas distintas. O recinto mais antigo, o superior, tem uma extensão de 280 m e apresenta apenas duas portas: a porta do Salvador, rasgada no pano de muralha voltado a sul, à igreja de São Salvador; e a porta da traição, aberta na muralha voltada a norte, junto da torre de menagem. A porta do Salvador apresenta arco de volta perfeita com dupla fiada de aduelas. Apesar da sua largura, o desnível



Recinto inferior: porta principal (Porta de S. Francisco) e calçada interior

impedia que por esta porta passassem carros, servindo apenas para transporte a pé ou no dorso de animais. Na sua solução original era uma porta desguarnecida. Mais tarde, nos finais do século XIII ou inícios da centúria seguinte, recebeu duas torres, passando a ter uma organização muito comum à dos castelos de D. Dinis. No entanto, estas duas torres não estão travadas com a muralha e, de resto, a torre do lado esquerdo ruiu nos finais do século XX, tendo deixado à mostra a face oculta da muralha. Foi, entretanto, reconstruída. A porta da traição, de reduzidas dimensões, apresenta arco ligeiramente apontado. Foi aberta na muralha norte, em zona mais agreste. A seu lado, e ocupando os afloramentos mais destacados do castelo, foi erguida a torre de menagem, uma construção de planta quadrada com 8,1 m de largura. Em 1857 ainda tinha dois pisos sobradados. Depois dessa data começou a ser desmontada, sendo a pedra utilizada em construções das aldeias das imediações. Hoje está reduzida ao seu piso térreo que, como é usual, se apresenta cego, sem abertura, uma vez que esta era garantida por porta no primeiro andar. Adossados à torre de menagem há restos de construções, entre os quais se salienta uma porta de arco quebrado. No centro do recinto muralhado superior abre-se a cisterna, compartimento retangular abobadado, parcialmente escavado na rocha, que tinha, outrora, entrada lateral. Por questões de segurança encontra-se hoje encerrada com grade metálica. Na descrição de 1721 tinha 80 palmos de profundidade, estando no mais atulhada. No recinto superior são ainda visíveis vestígios de construções e de arruamentos. Os acessos ao



*Recinto inferior.
Porta da Vila*



*Sector oeste: à
direita, muralha
e torre do recinto
superior, ao fundo
a Porta da Fonte
Vedra, do recinto
inferior*

adarve da muralha faziam-se por escadas de degraus fincados, à maneira românica, como se pode ver junto da face interna da porta do Salvador. Para além das duas torres que enquadram esta porta, a muralha superior conta com apenas mais dois torreões, de planta retangular, erguidos nas faces voltadas a sul e a ocidente.

O recinto inferior, com 620 m de extensão, corresponde a uma reforma mais tardia. Deve ser o resultado das extensas obras que são referidas na documentação e que se prolongam entre os reinados de D. Pedro I e de D. João I. Tem uma configuração subquadrangular arredondada, abraçando o recinto superior a sul e a leste. Foi erguido para defender o arrabalde extramuros que, polarizado em torno da Igreja de São Salvador, tinha, entretanto, ganho importância demográfica e económica. Esta nova muralha, construída ao longo da segunda metade do século XIV e na centúria de Quatrocentos, é servida por quatro portas, genericamente orientadas segundo os pontos cardeais. Hoje, a porta principal, à qual o visitante acede (depois de deixar a viatura no parque de estacionamento junto da Igreja de São João de Extramuros e do Centro Interpretativo) é a porta de São Francisco. Pelas suas dimensões e por ser servida por calçada, esta porta permitia o transporte carrário. O seu arco, de volta perfeita e de generosas dimensões, é composto por quinze aduelas. Abre-se na face leste da muralha, servindo o caminho para Selores. Na face norte da muralha encontra-se a porta de São João Baptista, assim designada por dar acesso à zona da Igreja da mesma invocação. Pela sua implantação foi sempre uma porta secundária. Na face sul da muralha, abaixo da Igreja de São Salvador, encontra-se a porta da Vila, que garantia acesso à Lavandeira. Tem arco de volta perfeita e, na face interna, ostenta ainda os acessos ao adarve. As suas dimensões denunciam que, juntamente com a porta de São Francisco, era uma das principais entradas na vila. E na face oeste da muralha temos a porta da Fonte Vedra, uma pequena abertura que configura mais um postigo que uma porta, dotada de arco apontado com oito aduelas apoiadas sobre impostas prismáticas lisas. Os autores da Memória de 1721 sublinhavam que “não permite serventia mais para uma pessoa a pé”. O motivo da sua existência é fácil de compreender: permitia acesso a uma fonte velha. O espaço definido por esta segunda linha de muralhas apresenta diversos arruamentos. O principal, que liga a porta de São Francisco à igreja de São Salvador e à porta de São Salvador, apresenta-se lajeado. No espaço intramuros abundam os vestígios de construções civis, entre os quais se salienta os restos de um lagar.

Apesar da sua extensão, a muralha do recinto inferior apresenta apenas dois torreões de planta quadrangular: um

no encontro dos panos de muralha ocidental e sul, a meio caminho entre a porta da Fonte Vedra e a porta da Vila (a “torre dos Lameiros”); outro, no encontro dos panos de muralha norte e leste, a meio caminho entre a porta de São Francisco e a porta de São João. Este último desprende-se particularmente da muralha, para permitir tiro sobre o acesso à primeira dessas portas.

O recinto muralhado foi objeto de diversas intervenções arqueológicas. São conhecidas referências a obras durante o reinado de D. Pedro I, que se prolongam pelo de D. João I e ao longo do século XV e que documentam o envolvimento de diversas povoações – Freixiel, Abreiro, Murça, Vila Flor, ... – no processo de reconstrução e ampliação das cercas de Ansiães. No domínio filipino, entre 1580 e 1592 encontramos novas referências a obras nos sistemas defensivos de Ansiães. É provavelmente ao arranque destas obras que alude a data de 1580 gravada numa ameia do castelo de Ansiães.

No exterior do recinto inferior, encontra-se a Igreja de São João Baptista, que foi recentemente objeto de intervenção arqueológica. Nas suas imediações, num afloramento, encontram-se três sepulturas antropomórficas escavadas na rocha. O templo, com nave única e capela-mor, não apresenta portal ocidental e resulta de reforma, realizada no século XV, de um templo anterior, como se documentou durante a intervenção arqueológica.

O castelo de Ansiães passou, em 1992, para a alçada do IPPC (hoje DGPC). A partir de 1996 conheceu diversas intervenções arqueológicas, a primeira da responsabilidade de Francisco Sande Lemos e, depois, de António Luís Pereira (primeiro com Nuno Soares, depois com Isabel Justo Lopes e com Orlando de Sousa). As intervenções de restauro, da DGEMN, documentam-se em 1944-45 (reconstrução de panos de muralha), em 1976-77 (consolidação de muros). Já na alçada do IPPC conheceu, em 2004, a construção do Centro Interpretativo.

Texto: MJB - Fotos: JNC

Bibliografia

- AGUILAR, J., 1980; DIAS, L.F.C., 1961-69, I, p. 18; DMP, DR, Doc. 157 (de [1137-1139]); FERREIRA, C. F., 1931; FREIRE, A.B., 1909, pp. 253-254; GIL, J., 1986, p. 65; LEMOS, F.S., 1988a, pp. 51-64; LOPES, I.A.J., 2002, I, Nº 001, pp. 17-18; LOPO, A.P., 1987, pp. 73-80; MORAIS, J.P. e MAGALHÃES, A.S.P., 1985; PEREIRA, A.L., e SOARES, N., 1996, pp. 281-283; PEREIRA, A.L., e SOARES, N., 1997, pp. 63-76; PEREIRA, A.L. e LOPES, I.A.J., 2005, pp. 22-26 e 79-128; PEREIRA, A.L. *et alii*, 2013, pp. 717-729; PEREIRA, R.M.P., 1991; PERES, D., 1969, pp. 224-226; PMH, LEGES, pp. 343-348 (de [1055-1065]) e p. 347 (de [1137-1139] e de 1219, abril); RAU, V., 1943 (1982), p. 93; SILVA, J.R., 1997.

Igreja de São Salvador de Ansiães

A IGREJA DE SÃO SALVADOR DE ANSIÃES está situada na vila fortificada de Ansiães (freguesia de Lavandeira), a sul de Carrazeda de Ansiães, sede de concelho, da qual dista cerca de 6 Km. Saindo do Porto tome a A4 em direção a Bragança. Saia para o IC5 e percorra cerca de 40 km até Carrazeda de Ansiães, seguindo então pela N214 até à EM632. Depois de 3 km vire à direita e percorra cerca de 1 km.

Implantada a 815 m de altitude sobre um promontório granítico, em lugar sobranceiro ao Vale do Douro do qual se avista um amplo horizonte que abrange, a sul do rio, uma boa parte da Beira Alta, a vila fortificada de Ansiães situa-se num local estratégico reconquistado por Fernando Magno nos meados do século XI. As condições naturais de defesa e as características geo-morfológicas do lugar favoreceram a ocupação humana que remonta ao 3º milénio a. C. e que se estendeu, de uma forma continuada, por uma longa diacronia. A área da vila fortificada de Ansiães foi

alvo de uma intensa romanização que deixou evidentes vestígios materiais.

Entre os séculos IX e XI o vale do Douro será um importante espaço de fronteira, controlado ora por muçulmanos, ora por cristãos, tendo as forças muçulmanas chegado a esta região na segunda metade do século VIII. A alternância do domínio do vale terminará nos meados do século XI com a conquista de Coimbra por Fernando Magno em 1064. Apesar da escassez de vestígios, a presença muçulmana deixou a sua marca na toponímia da área de Ansiães, tema abordado por Mário Barroca. Zedes que deriva de *zâyidi* e que significa abundante e Samorinha, de *samura*, cujo significado é castanho, são dois topónimos do atual concelho de Carrazeda de Ansiães que testemunham a presença muçulmana na região.

A localização estratégica de Ansiães viria a revelar-se fundamental na reorganização militar e administrativa do território reconquistado. Segundo Mário Barroca, é nesse

Vista da igreja de São Salvador de Ansiães a partir do recinto amuralhado superior





Vista geral a partir de nordeste

contexto que devem ser enquadrados os forais concedidos por Fernando Magno a Ansiães, Linhares, São João da Pesqueira, Penela da Beira e Paredes da Beira, aglomerados que se concentram nas proximidades das margens norte e sul do rio Douro. D. Afonso Henriques confirma o foral de Fernando Magno em 1160, mantendo-se a delimitação do termo de Ansiães já definida no século XI, situação que se alteraria na carta de foral (1198) de D. Sancho I com a integração de Linhares, que entretanto sofrera um processo de decadência. Segundo António Pereira, Isabel Lopes e Orlando de Sousa, este alargamento do território de Ansiães revela a importância crescente da vila fortificada que atinge o seu apogeu durante os séculos XIII e XIV, afirmando-se como cabeça do território. É neste contexto que o rei D. Afonso III lhe concede carta de feira em 1277. A doação de D. Fernando da terra de Ansiães aos Portocarreiro (1373) irá terminar com a expulsão da família que tomou o partido castelhano durante a crise de 1383-85. Por essa razão, D. João I concede aos homens-bons do concelho uma série de doações e privilégios, entre os quais se destacam os diplomas que obrigam os habitantes de Freixiel, Abreiro e Murça, a participar na construção dos muros e torres da cerca.

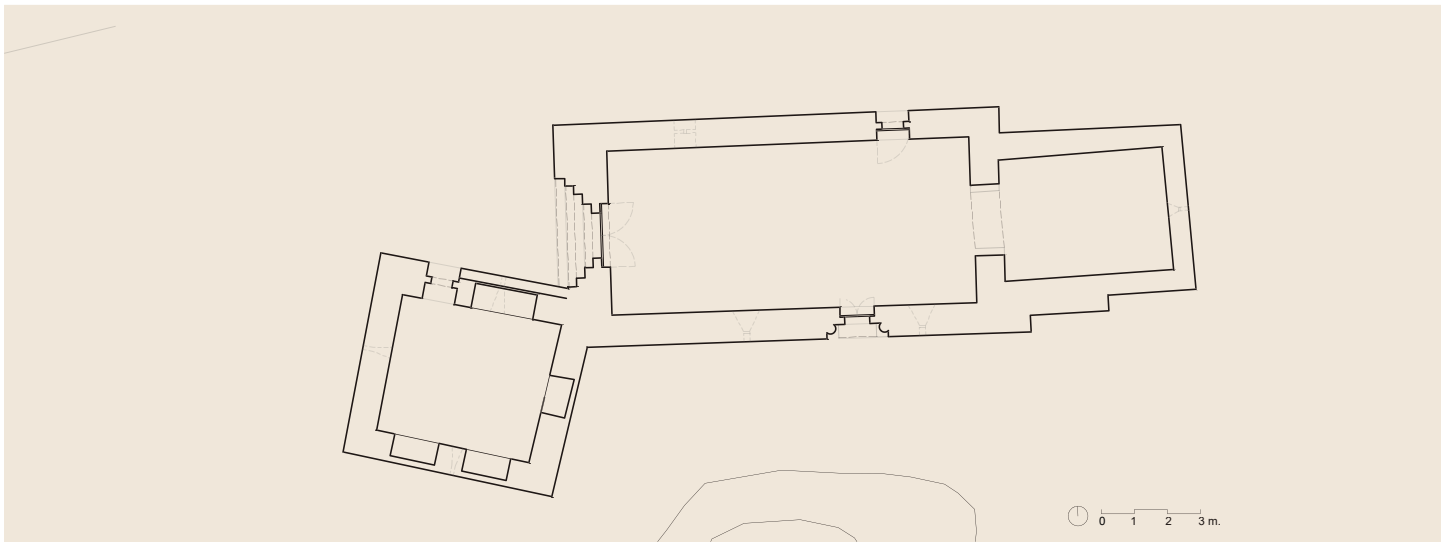
António Pereira, Isabel Lopes e Orlando de Sousa consideram que é na sequência destes acontecimentos que o carácter monumental do sistema defensivo de Ansiães se concretiza, uma vez que a maior parte da vila estava anteriormente cercada por muros de pedra miúda. Até finais do

século XIV as muralhas foram sendo adaptadas às exigências defensivas que as diferentes épocas exigiram. A importância do valor simbólico de uma cerca urbana, composta por boas muralhas e altas torres, está bem patente neste esforço construtivo. Segundo C. A. Ferreira de Almeida, é no século XIV que a construção das cercas urbanas mais se intensifica. Uma administração régia mais centralizada, a nova fiscalidade e o controle do comércio são alguns dos factores que desencadearam este fenómeno.

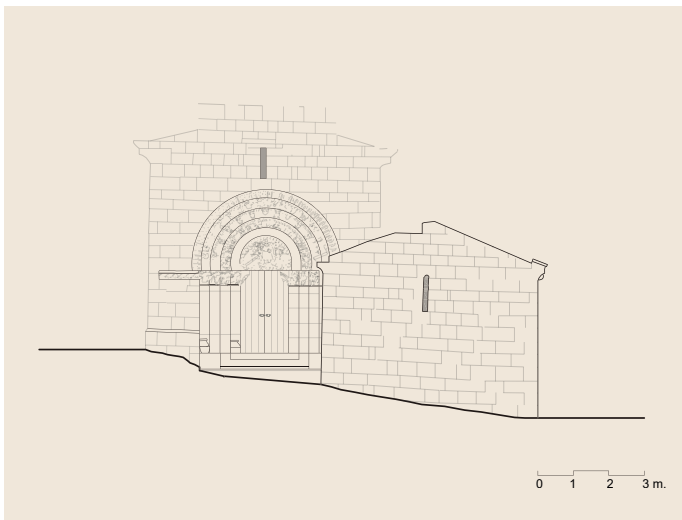
D. João I, que tanto contribuíra para prestigiar a vila, irá doá-la a Vasco Pires de Sampaio em 1422, permitindo que o domínio fosse transferido para a família Sampaio, cujo panteão se encosta à igreja de São Salvador.

Apesar do esforço régio, o declínio e despovoamento da antiga vila devem ter ocorrido desde os finais do século XV, embora o fenómeno se detete principalmente durante os séculos XVI e XVII. No início do século XVIII já o aglomerado se encontrava em clara decadência, contando unicamente com treze moradores. Em 1796 estava completamente despovoado. Segundo Sande Lemos, a localização da vila, em relevo isolado e afastado dos principais eixos viários, terá conduzido a que a população se deslocasse progressivamente para locais de terrenos mais férteis e com abundância de água.

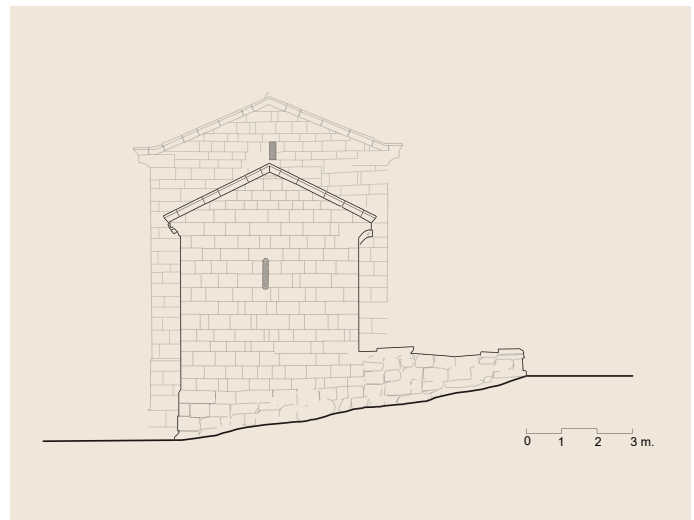
A vila fortificada conserva parcelas do recinto amuralhado composto por dois espaços distintos; um primeiro, em cota mais elevada que, segundo António Pereira, Isabel



Planta

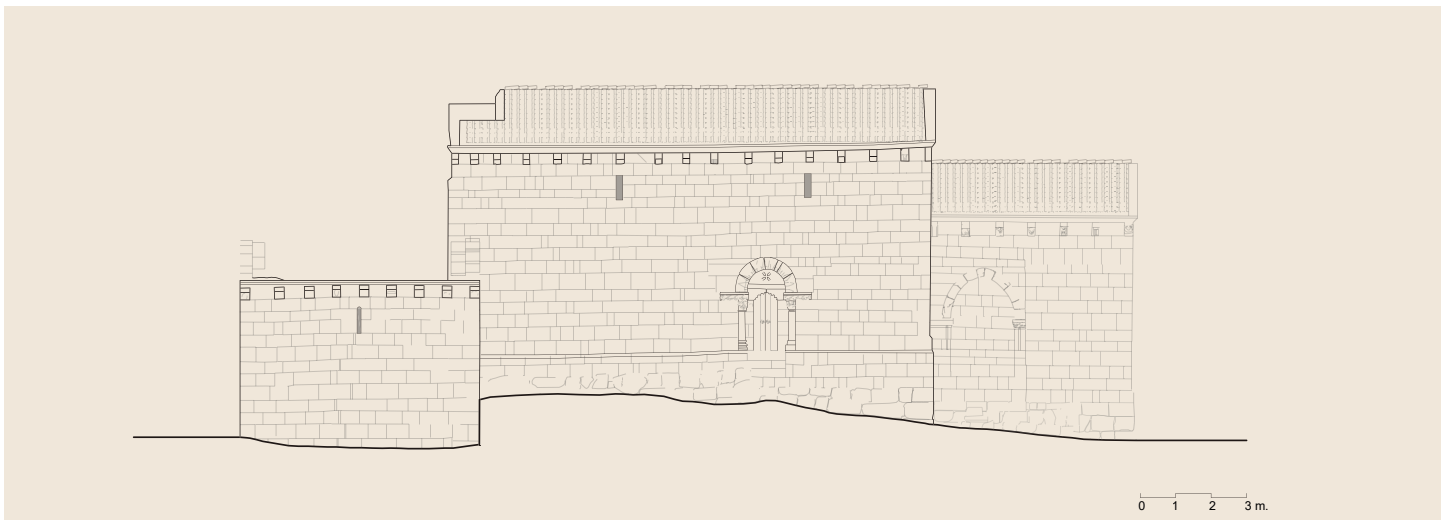


Alçado oeste



Alçado este

Alçado sul



*Fachada norte**Detalhe da fachada sul*

Lopes e Orlando de Sousa corresponde à primitiva implantação roqueira. A muralha tem uma configuração ovalada que inclui cinco torreões quadrangulares. O segundo espaço, onde se concentravam as zonas habitacionais e produtivas é delimitado por uma muralha de configuração mais irregular e apresenta três torres quadrangulares. A

igreja de São Salvador implanta-se na zona mais alta definida pela segunda cerca amuralhada.

A igreja de São Salvador é construída em granito, mostrando aparelho pseudo-isódomo. É composta por nave única e cabeceira rectangular, sendo ambas cobertas por tetos de madeira. O estado de ruína do templo,



Portal sul

durante muito tempo votado ao abandono uma vez que, como já foi referido, a vila fortificada se despoeva por completo no século XVIII, merece a maior atenção em qualquer estudo sobre esta igreja. O conhecimento das fontes iconográficas anteriores às campanhas de obras de restauro, desenvolvidas nas décadas de 1940 e 1960, é fundamental para uma análise do templo. Os trabalhos publicados pelos autores que escreveram sobre Ansiães entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX são igualmente imprescindíveis para o estudo desta igreja.

No início do século XX a cabeceira mantinha unicamente uma parte dos seus muros, ao nível das seis primeiras fiadas de assentamento do aparelho, muito embora as parcelas junto à nave dos muros sul e norte estivessem totalmente arruinadas. Na parede norte conservavam-se dois cachorros. A parede testeira apresentava unicamente as primeiras fiadas. Apesar de algumas lacunas, os muros do arco triunfal assim como o alçado do arco, estavam quase completos. Tendo em conta estas informações facilmente se conclui que qualquer análise da cabeceira, tal como se encontra hoje, é um exercício inútil. As fotografias realizadas durante as obras de restauro mostram uma reconstrução quase total da cabeceira, o que desde logo levanta duas questões: a originalidade dos cachorros e a composição do arcosólio do muro sul. Se alguns cachorros podem



Vista geral a partir de oeste

ter sido reaproveitados entre as peças que entulhavam a cabeceira, a nave e o adro, outros aparentam ter sido feitos nas obras de restauro. Do arcossólio apenas se entrevê um fino colunelo nas fotografias anteriores à intervenção, que o refez na sua quase totalidade.

Os alçados dos muros da nave apresentavam-se muito melhor conservados, mantendo-se a cornija com cachorros, os portais e as frestas. A fachada norte da nave é composta por um portal sem colunas ou arquivoltas salientes, encaixando-se na espessura do muro e apresentando um tímpano com cruz pátea vazada. As duas frestas são compostas por grossos colunelos com capitéis de volumosa escultura, embora só uma delas apresente arco. Os cachorros são lisos, na sua quase totalidade em ambas as fachadas. No alçado da fachada sul abre-se um portal de arco ligeiramente ultrapassado com aduelas que, numa expressão simplificada e em escultura plana, apresentam o motivo designado de *beakhead*. As impostas são decoradas com palmetas, um dos capitéis é vegetalista, sendo o outro um reaproveitamento colocado nas obras de restauro. As bases têm altas escócias. O lintel apresenta um curioso motivo cairelado. Contrariamente à fachada norte, as frestas não apresentam colunas ou capitéis.

A fachada ocidental está truncada no remate superior, mantendo o arranjo já presente aquando do início das



Portal ocidental



Tímpano do portal ocidental



Mísulas do portal ocidental. À esquerda a mísula norte e à direita a mísula sul



Epígrafes nas jambas do portal ocidental. À esquerda a epígrafe do lado norte e à direita a epígrafe do lado sul

obras de restauro. Sobre a empena estão assentes duas fiadas de silhares que pertenceram a uma sineira. É no portal que, como é frequente, se encontra a maior concentração de escultura, patente nas arquivoltas, no tímpano e nos capitéis. Os fustes já não existiam no início do século xx. O portal de escultura exuberante apresenta, no tímpano, *Cristo em Majestade* (o *Pantocrator*) rodeado pelos símbolos dos quatro evangelistas. Esta iconografia não é frequente no românico português. Embora a *Maestas Domini* esteja presente em vários tímpanos, a sua junção com o tetramorfo só é comum ao tímpano de Sepins (Cantanhede) apesar de, neste exemplar, faltarem os símbolos de São Marcos e São Lucas que talvez estivessem no lintel.

Sob o tímpano, na mísula do lado esquerdo, figura um personagem barbado que segura duas figuras humanas acompanhadas por um quadrúpede. Na mísula do lado direito pontua um personagem sentado que segura um globo e é ladeado por uma ave. Esta escultura, como boa parte da escultura românica portuguesa de figuração humana, é de complexa interpretação. Muito sintética, com temas pouco claros, salvo algumas exceções, a interpretação do seu significado exige uma morosa investigação e desaconselha identificações generalistas de confusos resultados.

Quatro arquivoltas e um arco envolvente com motivos vegetalistas coroam o portal. A primeira arquivolta, composta por um toro, é a única que não apresenta qualquer motivo escultórico. Na segunda pontuam nove personagens que têm sido identificados com um apostolado. Todavia, tanto o número de figuras como o desgaste de cinco elementos não permitem aferir que seja esse o

tema. Se nas segundas aduelas da segunda arquivolta são identificáveis as imagens de São Pedro e São Paulo, a primeira no lado norte e a segunda no lado sul, já a descodificação das outras é bem mais complexa. Sob a imagem de São Pedro ou seja, na primeira aduela, estão esculpidas duas figuras: um personagem sentado e um animal em posição de ataque que o personagem segura pela cabeça. A relação entre ambos e a figuração parecem indicar que o animal representa o diabo que, apesar de atacar, é dominado pela figura humana. Sendo o diabo um dos atributos de São Bartolomeu e tendo em conta que nesta arquivolta tem sido interpretada como um apostolado, faria sentido a presença de São Bartolomeu. Todavia, o facto de constarem unicamente nove figuras e, principalmente, o facto de o ataque pelo demónio a personagens santificados ser um tema recorrente na iconografia românica, não permite concluir que se trate do apóstolo.

Sob a aduela que representa São Pedro, figura um personagem sentado que segura um livro, sendo a dimensão da aduela maior do que as outras. O desgaste das restantes figuras desta arquivolta, já notado por Pedro Vitorino em 1925, torna a sua decifração praticamente impossível. No entanto, as imagens de São Pedro e São Paulo, destacam-se das restantes pela sua factura. Enquanto a maioria é esculpida em talhe quase plano apresentando, as suas vestes, um pregueado unicamente sugerido por linhas incisivas, as figuras de São Pedro e São Paulo apresentam volumetria, aspeto já notado por Paulo Almeida Fernandes relativamente a São Pedro. As pregas do vestuário têm uma modelação plástica muito diversa, acusando movimento e um

outro domínio da escultura quando comparadas com os outros personagens. O tratamento dos detalhes e a forma como seguram os respetivos atributos, a chave e a espada, indicam que estes exemplares são mais tardios que os primeiros, embora se possa argumentar que o seu tratamento plástico pode acusar artífices diversos que trabalharam simultaneamente em Ansiães. Mas não cremos que seja essa a razão. Voltaremos a este assunto. A terceira arquivolta é composta por uma série de *beakhead* que abocanham um toro, como é habitual neste motivo. A quarta arquivolta levanta, tal como a segunda, algumas dúvidas. O desgaste de algumas aduelas é também acentuado, identificando-se quadrúpedes, um homem que segura uma espada e uma cabeça humana com cabelos compridos e exuberantes. O movimento imprimido ao homem que segura a espada em atitude de ataque, e não em simples amostragem, e a dimensão e detalhe da cabeça humana, indicam que estas duas peças não são da mesma época das restantes, correspondendo sim às imagens de São Pedro e São Paulo.

Nos oito capitéis do portal estão figurados com acentuada volumetria, apesar do seu desgaste, aves que se

afrontam na esquina do capitel, animais fantásticos, leões e cabeças humanas. No primeiro capitel do lado sul, uma figura humana parece segurar dois animais que a ladeiam.

Gravada no umbral esquerdo do portal ocidental, na face voltada para a porta conserva-se uma inscrição cuja leitura, da autoria de Mário Barroca, se apresenta:

SALVAT / ORIS

Segundo o mesmo autor, a epígrafe, com data hipotética no século XIII, reporta-se ao orago do templo, assemelhando-se, paleograficamente, com outras inscrições que se conservam no interior.

No interior da igreja destaca-se o arco triunfal de perfil ligeiramente ultrapassado. O capitel do lado da Epístola apresenta forma e decoração vegetalista semelhante ao capitel correspondente de São Cláudio de Nogueira (Viana do Castelo). O motivo esculpido no arco envolvente, uma série de folhas lanceoladas, é igualmente similar ao da igreja de São Cláudio, aspeto já notado por Paulo Almeida Fernandes, assim como a base da coluna esquerda com alta escócia, uma vez que a coluna à direita não tinha fuste nem

Vista geral do interior a partir do lado oeste



base anteriormente às obras de restauro. Estas características bem como a qualidade do corte das peças, sobretudo da base, indiciam uma maior antiguidade desta parcela. A clara reserva do espaço da cabeceira relativamente à nave é semelhante nos dois casos, configurando um românico com soluções próximas do século XII o que, no caso de Nogueira, é atestado por uma epígrafe, colocada no exterior da cabeceira, com a data de 1145.

Muito embora o alçado do arco triunfal corresponda a uma das partes melhor conservadas, como já foi referido, parece ter havido alguma intervenção nos muros que ladeiam o arco, a julgar pela posição invertida de duas epígrafes. Em silhar reaproveitado, no lado da Epístola, a epígrafe regista:

PELA / GIO

Segundo Mário Barroca, autor da leitura, a epígrafe deverá datar do século XIII, não concordando o autor com Cândida Florinda Ferreira que interpretou esta inscrição como sendo alusiva a São Pelaio, santo a que uma anterior igreja seria dedicada. No mesmo muro, uma outra epígrafe regista:

PELA P

Esta inscrição estará incompleta, segundo Mário Barroca, podendo tratar-se igualmente de uma peça reaproveitada. A posição de ambas as inscrições pode configurar duas hipóteses: o reaproveitamento de peças de uma igreja mais antiga, como defende Cândida Florinda Ferreira, ou uma intervenção ocorrida no século XV quando a igreja foi reedificada, conforme indicia um documento da chancelaria de D. Afonso V datado de 6 de fevereiro de 1442, ao qual voltaremos. Todavia, se as obras do século XV refizeram estes muros não parece que o arco triunfal tenha sido alvo de qualquer recomposição.

Também em posição invertida, na face interna da parede sul da nave, há uma outra inscrição que Mário Barroca data, hipoteticamente, do século XIII, sublinhando que o texto pode fazer referência a Soeiro [...] religioso de Ansiães:

SOGERI [...] /RELIGO DANC[anes] [...] / [...] / [...]

Na face interior dos muros sul e norte, os alçados apresentam, logo abaixo do nível dos vãos de iluminação, um friso em enxaquetado. No interior da nave é ainda de realçar a presença de dois leões que guardam a entrada, embutidos no muro ocidental e que sustentam a arquivolta



Vista geral do interior a partir da cabeceira



Arco triunfal



Epígrafes nos muros do interior da igreja

interna do respetivo portal, semelhantes aos da igreja de Santa Maria Maior de Tarouquela (Cinfães).

Já foi levantada por vários autores a hipótese ter havido uma recomposição nesta igreja que juntou elementos de épocas distintas. Esta hipótese apoia-se, não somente na disparidade da sua escultura, mas também num documento da chancelaria de D. Afonso V, publicado pelo Abade de Baçal em 1911, que se conserva no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. No documento, lavrado em 6 de fevereiro de 1442, D. Afonso V concede todos os *rezidos* da Vila de Anciães e seu termo para o *corregimento* da igreja de São Salvador. Segundo o diploma, a igreja encontrava-se então arruinada: *em a dita vila estaa huua igreja a que chamam Sancto Salvador a qual ha bem xbi anos que jaz em terra*. Determina o rei que *de xx anos passados atee a feitura desta carta por a qual damos poder aos juízes da dita villa que os façam tirar e recadar*

[os rezidos] e aver e despende em a dita obra da dita igreja que asy be nossa mercee sem outro embargo. Não conhecemos qual a dimensão da ruína, já que a expressão *jaz em terra* não assevera uma ruína total, nem a forma como decorreram as obras. Todavia, tendo em conta a análise que fizemos da arquitetura e da escultura, parece-nos que o portal e os muros da nave foram refeitos no século xv. A presença de cachorros totalmente lisos nas fachadas da nave e a plástica gótica de alguns elementos do portal ocidental – as imagens de São Pedro e São Paulo, o personagem que empunha uma espada e a dimensão e detalhe da cara com exuberante cabeleira – assim o indiciam.

Duas das fotografias realizadas durante as obras de restauro (SIPA) bem como uma outra guardada no Arquivo Histórico Municipal do Porto (F-NV/FG-M/9/266(4)) mostram um cachorro de grandes dimensões com uma



Arco interior da fachada ocidental, apoiado sobre leões



Detalhe do arco triunfal. Siglas em forma de foice



Inscultura com representação animal situada na cabeceira, na pilastra norte do arco triunfal



Peça descontextualizada

inscrição. Apesar da dificuldade que a leitura desta epígrafe oferece, o tipo de letra corresponde ao século XV. O autor das *Memórias de Ansiães*, manuscrito de 1721 parcialmente transcrito por Cândida Florinda Ferreira descreve a igreja com detalhe, afirmando: *Vê-se nas costas desta igreja, na quina do corpo della, que fica ao sul em a altura de dez palmos saída para fora na mesma quina hum compriada pedra com hum bem esculpida figura da ponta, e no comprimento que fica entrando pela quina da dita parede fazendo face para nascente, junto de hum grave monumento que aquella parte do sul arrimado a capella-mor está hum bem esculpido e firmado letreiro da antiga letra, que não pode dar noticia da creação desta antigua igreja do qual não mandamos a forma por parte della cobrir hum pequena e movediça pedra.*

Desta citação poderá concluir-se que o autor se refere ao cachorro com uma epígrafe gravada que as fotografias acima referidas testemunham? O texto não é totalmente claro, ficando a dúvida se a peça se relaciona com o monumento funerário reconstruído pelas obras de restauro. Todavia, uma outra passagem do mesmo manuscrito descreve o arcosólio quando se refere às várias sepulturas que

se encontravam junto à igreja: *e arrimada à capella-mor a parte sul em a altura de dez palmos huma muito grave [sepultura] com seu arco no vam dele postas em pedra as armas.* O lugar onde estava o cachorro, na quina do corpo della (da igreja), parece não oferecer dúvidas. Situava-se no topo mais alto da nave e não na capella-mor junto ao monumentos funerário. A peça estaria no extremo oriental da fachada sul da nave com a inscrição voltada para leste. Muito embora não saibamos qual o conteúdo da epígrafe, o facto de o tipo de letra datar do século XV poderá sugerir uma relação com as obras de reconstrução da igreja que o documento de 1442 parece garantir.

Uma campanha arqueológica que incidiu em grande parte da vila fortificada, iniciada em 1998 com as primeiras sondagens, escavou 23 estruturas de sepultamento na igreja de São Salvador, sendo 17 antropomórficas e 8 em desenho ovalado, situadas no interior da nave e no exterior, junto ao muro norte da mesma, e junto aos muros leste e sul da cabeceira.

Lateralmente à fachada ocidental da igreja foi construída uma capella funerária, destinada a panteão da família

Sampaio que, como já foi referido, obteve por parte de D. João I a doação da vila de Anciães em 1422. No início do século XX a capela não estava tão arruinada como a igreja. Mantinham-se os muros com a cornija e os cachorros, o portal sem colunas e tímpano com cruz vazada e quatro arcossólios com as respetivas sepulturas de granito. Embora a construção da capela possa ser anterior à doação da vila à família Sampaio, é também possível que date do século XV, tendo sido edificada de acordo com a linguagem formal da igreja.

Em cota mais baixa, a cerca de 100 m da Porta da Vila, no exterior do recinto amuralhado, está situada a igreja de São João Baptista. A sul da igreja, conserva-se uma necrópole de sepulturas escavadas na rocha, com três sepulturas antropomórficas, abertas em paralelo no afloramento granítico.

A igreja é composta por cabeceira retangular e por uma só nave, estando desprovida de coberturas. Os cachorros de ambas as parcelas são lisos e de perfil quadrangular, aspetos que indiciam um românico muito tardio. Na fachada sul abre-se um portal sem colunas ambientado por um arco e por um tímpano, cuja decoração se limita a linhas paralelas incisadas no granito. No portal da fachada norte o tímpano apresenta um motivo entrelaçado. No interior, o estreito arco triunfal é composto por um arco

apontado com impostas lisas e sem qualquer decoração. Tendo em conta as características referidas, consideramos que este templo não deverá ser anterior ao século XV muito embora a sua aparência seja românica.

Se atendermos ao que caracteriza uma igreja românica ou seja, a forma de a construir que se traduz na utilização de aparelho pseudo-isódomo, cujos silhares habitualmente apresentam siglas, a articulação de volumes, o tipo de coberturas, a organização do alçado dos portais e a sua escultura, os coroamentos em cornija que assenta sobre cachorros esculpidos e tendencialmente retangulares, a presença de escultura nos capitéis ou mesmo nas bases do arco triunfal e dos arcos torais da cabeceira, concluímos que a igreja de São João Batista apresenta unicamente uma parte destas constantes construtivas e formais. Todavia, nesta igreja estão presentes os aspetos mais epidérmicos da construção românica, sendo o seu desenho reduzido ao esquema mais simplificado sem deixar, no entanto, de parecer românico. Referimo-nos ao tipo de aparelho, à existência de cornija sobre cachorros e à empena em duas águas das fachadas ocidental e oriental da nave. Apesar do caráter românico dos elementos que acabámos de elencar, esta igreja distancia-se dos modelos disseminados em Portugal a partir dos finais do século XI e, mais sistematicamente, desde a primeira metade do século XII, quando a



*Interior da capela
funerária da
família Sampaio,
situada junto da
fachada ocidental
da igreja*

construção românica mais se intensifica. Com o passar do tempo e com a constante repetição, os modelos tendem a simplificar-se afastando-se das formas e soluções iniciais, mais eruditas e mais onerosas. No caso desta igreja, o que afasta a sua construção dos modelos mais antigos é a organização do alçado do portal, aqui caracterizado pela inexistência de colunas, e desde logo, de capitéis, bases e impostas e de escultura nas aduelas. O facto de os cachorros serem sistematicamente lisos constitui-se como outro factor que garante o carácter tardio desta construção. É aqui bem patente uma tradição muito arreigada na cultura arquitectónica da Idade Média portuguesa, despida embora das características formais definidas e disseminadas desde o último quartel do século XI. O fenómeno da tradição construtiva românica teve uma importância, ainda não totalmente avaliada na historiografia da arquitetura medieval, cujas causas não se deverão somente ao atavismo construtivo. O prestígio da arquitetura românica, pela sua antiguidade, porque a sua construção é muito cuidada, porque utiliza silhares bem esquadriados, poderá ser uma das causas da sua permanência em tão longa diacronia.

No contexto da campanha arqueológica já referida foi escavada a necrópole da igreja de São João Batista cuja utilização se situa entre os meados do século XI e o século XVI. As sepulturas encontram-se no interior da nave e no exterior, junto aos muros norte e sul da cabeceira. A estrutura de uma fundição de sinos, datada do século XV, foi também encontrada. Segundo António Pereira, Isabel Lopes e Orlando de Sousa, o interior do templo foi ocupado por enterramentos de longa diacronia, interrompidos por volta do século XV-XVI, altura em que o templo foi sujeito a obras de remodelação. Os referidos autores sublinham que a igreja de São João Batista se implantou num local onde se desenvolveu a ocupação romana, sendo a necrópole exterior à igreja "responsável pela destruição da maior parte dos níveis arqueológicos articulados com esse período cronológico e o espólio recolhido na necrópole do seu interior mistura também, e não raras vezes, alguns materiais dessa ocupação". Concluem António Pereira, Isabel Lopes e Orlando de Sousa que os resultados da investigação arqueológica "dão como adquirida uma cronologia bastante antiga para a fundação da igreja de S. João Batista, classificando-a como uma construção de raiz pré-românica com sucessivas adaptações e restauros na Baixa Idade Média".

Tendo em conta as informações recolhidas sobre a vila fortificada de Ansiães e a análise da arquitetura e escultura da igreja de São Salvador, é de concluir que, apesar das muitas interrogações que ainda suscita, a construção do templo, tal como atualmente se apresenta, deverá corresponder a três fases distintas. O restauro do século XX é,

como foi referido, outro momento construtivo a considerar, sendo fundamental para uma mais rigorosa análise da arquitetura desta igreja.

O arco triunfal corresponderá a uma primeira fase. Pese embora a cabeceira ter sido quase totalmente refeita nas obras do restauro, o que impede a conjugação entre esta parcela e o arco triunfal, o alçado do arco aponta para uma datação de meados do século XII. Como já foi referido, o seu perfil ultrapassado e a sua altura relativamente ao pé-direito da nave, acusam uma acentuada reserva entre a nave e a cabeceira. Esta espacialidade é mais comum nos meados do século XII do que no românico posterior, onde é patente uma tendência para que o arco triunfal seja mais alto e aberto, criando alguma continuidade entre a nave e a cabeceira. São exemplo daquela reserva acentuada as igrejas de São Cláudio de Nogueira, que como já foi referido data dos anos 40 do século XII, de São Salvador de Bravães (Ponte da Barca), com parcelas do segundo quartel do mesmo século ou São Cristóvão de Rio Mau (Vila do Conde), datada por epígrafe de 1151. Além da espacialidade, é na base da coluna do lado do Evangelho, no capitel do lado da Epístola e no motivo de folhas lanceoladas que ambienta o arco triunfal de Ansiães que encontramos modelos semelhantes aos de São Cláudio de Nogueira. A nave da igreja corresponderá a uma segunda fase. Os vãos de iluminação da fachada norte, os alçados dos portais e a escultura que apresentam acusam, em boa parte, soluções que podem ser datadas entre o final do século XII e o princípio do século XIII. Os cachorros da nave, o arranjo das arquivoltas e algumas aduelas do portal axial correspondem a uma terceira fase, não propriamente de construção mas de recomposição da igreja arruinada que tudo indica ter ocorrido no século XV. A ausência de evidências arqueológicas de uma ocupação pré-românica na igreja de São Salvador, contrariamente ao que acontece no templo extramuros de São João Batista, parece sugerir que as epígrafes que se encontram em posição invertida, presentes na nave de São Salvador, datam da construção românica e não de uma igreja anterior, devendo-se a sua posição à reedificação do templo no século XV.

C. A. Ferreira de Almeida considera que a escultura de Ansiães deve ser enquadrada na sequência do românico de Braga e da Bacia do Ave e data a construção da igreja da primeira parte do século XIII. Apesar dos paralelismos que encontra entre a escultura de Ansiães e a da região de Braga, Gerhard Graf defende que existem semelhanças entre os capitéis do portal axial e os modelos originários da Galiza e empregues no românico do Alto Minho, propondo uma cronologia entre os meados do século XII e o primeiro quartel do século XIII. Paulo Almeida Fernandes



Igreja de São João Baptista de Extramuros. Fachada sul. No primeiro plano a necrópole de sepulturas escavadas na rocha

reconhece em Ansiães elementos de clara influência galega, semelhanças com São Salvador de Travanca (Amarante), São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim) e São Cláudio de Nogueira, como já referimos. O autor propõe uma cronologia dividida em duas fases, datando a primeira de meados do século XII e a segunda com início na segunda metade do mesmo século, sendo terminada já na centúria de duzentos.

Sendo certo que os modelos utilizados na escultura dos portais de Ansiães têm claras semelhanças com exemplares glosados na região de Braga, do Vale do Ave, do Alto Minho ou mesmo de Travanca, não cremos que se possa concluir que tenha havido uma conjugação de artistas oriundos destes estaleiros a trabalhar em Ansiães. O processo de transmissão de modelos e/ou a circulação de artistas constitui-se como um dos magnos problemas da historiografia do românico. Muito embora as semelhanças entre igrejas de uma mesma região sejam evidentes em variados casos, como nos exemplares da zona ocidental do Vale do Minho, da região de Braga e do Vale do Ave, do

Vale do Sousa ou de Coimbra, que mostram uma coerência formal e temática e que têm uma cronologia próxima entre si, mais complexo se torna o exercício da comparação formal em igrejas de outras regiões e diversas cronologias, onde encontrámos um intrincado cruzamento de influências bem mais difícil de explicar.

Texto: LCR - Fotos: JNG - Planos: GM/MF/MS (sobre DRCN)

Bibliografia:

ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 126; ALMEIDA, C.A.F. e BARROCA, M.J., 2002, pp. 80-81; ALVES, F. M., 1911b (2000), IV, p. 216; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 454 [da primeira metade do século XIII], n.º 456 [do século XIII], Insc. n.º 457 [do século XIII] e Insc. n.º 458 [do século XIII]; BARROCA, M. J., 2008-09, p. 217; BARROCA, M. J., 2016, pp. 33-35, 42; CHANC.AF.V; FERNANDES, P. A., 2001, pp. 32, 39, 45, 48-49, 51; FERREIRA, C. F., 1931, pp. 17-18; GRAF, G. 1986, I, pp. 299-301; LEMOS, F. S., 1988a, p. 55; PEREIRA, A. L. e LOPES, I. A. J., 2008, pp. 8-9; PEREIRA, A.L., *et alii*, 2013, pp. 718-726; VITORINO, P., 1925, pp. 18-24.